

CENTRO DE TRADIÇÕES NORDESTINAS (CTN): REFLEXOS SOBRE A PRESERVAÇÃO DA CULTURA NORDESTINA EM DOURADOS-MS*

Clecita Maria Moises**



Resumo: este trabalho pretende fazer uma análise da trajetória do Centro de Tradições Nordestinas da cidade de Dourados-MS, fundado em 1994 com o propósito de preservar as tradições consideradas representativas do Nordeste, sob a alegação de que estas teriam desaparecido na sociedade local. Ao longo do texto, questiona-se se o trabalho realizado pela entidade, limita-se, de fato, à salvaguarda de bens culturais imateriais, ou se está realiza a “invenção de tradições”, muito recorrentes nas atividades de instituições culturais do gênero. Para tanto, lança-se mão de um conjunto variado de fontes, com destaque especial à História Oral. Com base nas entrevistas e na documentação coletada, questiona-se quem são os sujeitos envolvidos na direção do CTN, quais os motivos para sua criação e quais os significados de seus eventos para os membros da entidade.

Palavras-chave: História Oral. Memória. Cultura. Identidade. Patrimônio Cultural.

NORDESTINE TRADITION CENTER (CTN): REFLECTIONS ON THE PRESERVATION OF NORDESTINE CULTURE IN DOURADOS-MS

Abstract: this work intends to analyze the trajectory of the Center of Northeastern Traditions of the city of Dourados-MS, founded in 1994 with the purpose of preserving the traditions considered representative of the Northeast, on the grounds that they would have disappeared in the local society. Throughout the text, it is questioned whether the work carried out by the entity, in fact, is limited to the safeguarding of intangible cultural goods, or if the “invention of traditions” are very recurrent in the activities of cultural institutions of the genre. To this end, a variety of sources are used, with special emphasis on Oral History. Based on interviews and documentation collected, the question is who are the subjects involved in the direction of the CTN, what are the reasons for its creation and what are the meanings of its events for the members of the entity.

Keywords: Oral History. Memory. Culture. Identity. Intangible Heritage.

* Recebido em 01.02.2019. Aprovado em: 19.08.2019.

** Licenciatura, Bacharelado e Mestrado em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).
Universidade Federal da Grande Dourados. *E-mail:* clecita@hotmail.com



“O Nordeste, assim como o Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido”. (ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011).

Esta pesquisa teve início com um trabalho apresentado na disciplina de “Patrimônio Cultural: Material e Imaterial”, sobre o Centro de Tradições Nordestinas - CTN em Dourados-MS. Ao fazer uma análise das fontes verificamos que a entidade, fundada em 1994, tinha como objetivo o “resgate” da cultura nordestina. Diante da constatação desse objetivo, presente no primeiro estatuto da associação, partiu-se para a coleta de fontes, privilegiando a história oral, com entrevistas de integrantes do Centro de Tradições Nordestinas – CTN: estes desempenham diversas funções; presidente, diretores, secretária, entre outras. Analisamos ainda documentos cedidos pela instituição e jornais (produzidos pela própria entidade), além de procurarmos dialogar com a historiografia existente sobre o tema.

Este trabalho não tem por objetivo direto de atentar para o estudo da migração, embora, por se tratar de um estudo de salvaguarda de tradições, todas as entrevistas foram realizadas com migrantes ou descendentes de migrantes nordestinos. Apesar de não nos propor problematizar a migração, entendemos que essas experiências são essenciais para entender a necessidade desse grupo criar uma instituição cultural que os representasse na cidade de Dourados-MS.

Verificamos nas entrevistas uma imagem construída pelos sujeitos sobre o Nordeste, repleta de clichês que circulam nacionalmente sobre aquela região, como bem lembra Durval Muniz de Albuquerque Jr (2011), em sua obra “Invenção do Nordeste e outras artes”. Assim, alguns relatam a fome que passaram, em consequência de secas, outros falam da saudade das “coisas” da região em que nasceram, uns expressam o desejo de voltar, outros o negam. O Nordeste, para o migrante, torna-se uma miragem do passado, transformando as lembranças em saudade, e, por esse motivo, eles (os migrantes) valorizam elementos da tradição nordestina que interferem nos propósitos de criação e funcionamento da entidade em tela, neste trabalho.

O Centro de Tradições Nordestinas – CTN foi criado então, em 1994, para “revitalizar” as práticas culturais nordestinas e fortalecer laços de identidade do grupo. A partir da fundação, os integrantes passaram a organizar jantares, abertos à comunidade em geral, e, principalmente, aos nordestinos e descendentes. Neles, oferecem pratos que consideram “típicos” do Nordeste. No ano 2000, inseriram em seu calendário anual de eventos a Festa da Carne de Sol - FESTSOL¹, como forma de divulgar práticas culturais e definir uma identidade cultural homogênea ao grupo (composto por migrantes vindos dos mais diferentes estados do Nordeste brasileiro e que tendem a se identificar mais a região Nordeste que com seus estados de origem). Buscam, dessa forma, maior visibilidade na sociedade local, reafirmando sua história, principalmente envolvendo a participação nordestina na Colônia Agrícola Nacional de Dourado². Nesse sentido Nora explica que “A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história” (NORA, 1993, p. 17). Ou seja, os dirigentes da entidade não queriam mais ter visibilidade e inserção na sociedade local apenas como indivíduos que eram, mas como grupo, cuja identidade seria reconstruída pela valorização de elementos culturais considerados por eles representativos das “raízes nordestinas” – e não de um ou outro bairro – e por histórias e memórias investidas de valores positivos.

Para melhor esclarecer o tema, o estudo concentra-se na instituição, sua trajetória – desde a fundação até os dias de hoje – questiona quais elementos culturais estão presentes nos eventos organizados pela entidade, além de se preocupar com as experiências vividas por seus integrantes na luta por reconhecimento e visibilidade social, problematizando, ainda, a perspectiva que eles se colocam de “preservação” cultural.

A preservação da cultura nordestina, um dos objetivos do CTN, tenta se aproximar com as perspectivas do IPHAN:

Os Bens Culturais de Natureza Imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas,



plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) (Disponível em: www.iphan.gov.br. Acesso em: 27 jun. 2014).

Porém, nosso problema de pesquisa questiona se, de fato, esta entidade atua simplesmente na “preservação” de práticas culturais e tradições espontaneamente preservadas pelos migrantes nordestinos que vivem em Dourados-MS, ou se ela realiza a operação de “inventar tradições” (HOBSBAWN, 1984), a exemplo do que fazem entidades semelhantes.³

MIGRANTES NORDESTINOS: MEMÓRIAS, IDENTIDADE E HISTÓRIA

Partindo do princípio de que a história oral é construída através de entrevistas e estas estão condicionadas às memórias dos sujeitos envolvidos no contexto histórico e cultural, entendemos que é fundamental, como forma de recuperação do passado, que o entrevistado tenha feito parte, ou seja, testemunho do tema da pesquisa. De acordo com Verena Alberti (2004, p. 30),

[...], uma pesquisa de história oral pressupõe sempre a pertinência da pergunta ‘como os entrevistados viam e veem o tema em questão?’. Ou: O que a narrativa dos que viveram ou presenciaram o tema pode informar sobre o lugar que aquele tema ocupava (e ocupa) no contexto histórico e cultural dado?

Para a realização deste trabalho optamos por entrevistar, em um primeiro momento, o então presidente do Centro de Tradições Nordestinas, a partir dessa entrevista se formou uma rede de narradores, todos ligados a instituição, sendo a maioria nordestinos radicados na região de Dourados-MS, alguns desde 1968, como é o caso da entrevistada Zélia Borges, natural de Saloá-PE, mudou-se para São Paulo com quatorze anos, foi onde conheceu Sidrône Ângelo Borges, ele saiu do Nordeste com doze anos, morou em Maringá-PR, voltou aos dezoito para o Nordeste, um tempo depois mudou-se para São Paulo, por influência de primos mudou-se para Dourados, foi primeiro presidente eleito do CTN, falecido em 2012.

Os demais entrevistados foram: César Gomes de Matos que exerceu o cargo de diretoria no CTN (1994-1996) e Antônia Modesto de Matos sua esposa, proprietários da Casa Nordestina, naturais de Assaré-CE; vieram como “retirantes” do Nordeste em 1971; por algum tempo residiram em Vicentina-MS, posteriormente se fixaram em Dourados-MS; estes contam que para sobreviver vendiam roupas, relógios e perfumes nos garimpos, após cinco anos vendendo esses produtos, mudaram de atividade por acreditarem ser muito perigoso aquele ofício. Montaram em frente de sua casa, em Dourados, uma barraquinha para vender frutas e verduras, onde funciona desde 1989 a Casa Nordestina.

Outra entrevistada foi Simônia Siqueira Silva, natural de Saloá-PE, reside em Dourados desde 1980, chegou nesta cidade com oito anos de idade, sua mãe foi incentivada pelo seu tio Sidrône Ângelo Borges a vir para Dourados, onde fixaram residência desde então; atualmente trabalha na APAE, é formada em pedagogia e no CTN exerce a função de secretária desde 1999.

Outro narrador é Acelino Rodrigues de Carvalho, natural de Fortuna - MA, chegou em Dourados - MS em 1989, também a convite de familiares que residiam na cidade em questão; quando ainda era acadêmico começou um movimento para fundar o CTN; exerceu o cargo de presidente por três vezes, sendo o primeiro presidente nomeado da instituição, após sua fundação em 1994. Formado em Direito pela UNIGRAN, possui doutorado em Direito. Já atuou como professor do curso de Direito na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente atua como docente do curso de Direito na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Os narradores são oriundos de diversos estados do Nordeste e são diversos os motivos que os impulsionaram a migrarem de seus estados de origem; porém, constatamos que nem todos que vieram para Dourados - MS foi para fugir da seca, da pobreza e da miséria, pois, embora este discurso seja recorrente nas entrevistas, a maioria já mantinha contato com amigos ou parentes que haviam se fixado anteriormente na cidade. Questão que aparece muito bem explicitada na dissertação de mestrado de Marina Silva Souza (2003, p. 15), “... nem todos os nordestinos que procuravam a CAND



eram fugitivos da seca, alguns eram proprietários no Nordeste”. Por outro lado, fica evidente que nem todos os nordestinos que migraram para Dourados o fizeram no contexto daquele projeto de colonização, havendo deslocamentos para o local em períodos bem mais recentes, como a década de 1980.

Portanto, entendemos que as entrevistas podem auxiliar no estudo dos processos vividos pelos sujeitos sociais que se deslocaram de seu lugar de origem, bem como entender como esse deslocamento repercutiu em suas vidas, mais especificamente, na criação do CTN. Sabemos que deslocamentos para fora da(s) região(es) de origem dos sujeitos sociais, podem impeli-los a reconstruir referências individuais e/ou coletivas. Em conformidade com Le Goff (1994, p. 11), “... a ausência de um passado conhecido e reconhecido, à míngua de um passado, pode também ser fonte de grandes problemas de mentalidade ou identidade coletivas”. Desse modo, o testemunho oral permite o afloramento da memória, esclarecendo aspectos de experiências pessoais vivenciadas subjetivamente – em grupo ou individualmente – possibilitando dessa forma entender até que ponto as mudanças sociais impactam a vida do indivíduo, e como esse indivíduo busca criar significações através de lembranças do passado, para construir um referencial dando base a uma nova identidade social. Pois, como afirma Portelli (1994, p. 11), “essas modificações revelam os esforços dos narradores em buscar sentido no passado e dar forças às suas vidas e colocar a entrevista e as narrativas no seu contexto histórico”. Além disso, ainda de acordo com Le Goff (1994, p. 11): “a recuperação da memória social por parte dos historiadores faz dela um objeto de saber”.

A memória tanto no plano individual como no coletivo, é composta por lembranças de cada sujeito histórico que se organiza a partir do grau de importância dos fatos vivenciados na sua rede de relações social. O retorno do sujeito ao passado permite-nos construir, a partir da memória, a História. Memórias são representações do passado edificadas a partir de lembranças subjetivas desse passado, inerentes a elas (a memória) está a afetividade, o sentimento, e emergem emoções cheias de singularidade e intencionalidade (POLLACK, 1989, p. 03-15).

A história oral, como forma de registro histórico, possibilita ao historiador capturar essas emoções que não são encontradas na escrita; para tanto, há a necessidade de sensibilidade na interpretação das memórias, como aponta a autora Verena Alberti (2004a, p. 25): “a entrevista de história oral é resíduo de uma ação específica, qual seja, a de interpretar o passado”. Essa interpretação do passado requer um olhar sobre as transformações que ocorrem ou ocorreram no sujeito histórico, com a mudança de território, pois a ideia de cultura está diretamente associada à ideia de territorialidade⁴, essas formas de expressão cultural fortalecem a relação existente entre espaço e cultura, indivíduo e sociedade.

As narrativas de experiências de vida carregam significados, simbologias e sentimentos, que, de certa forma, estariam negligenciadas em outras fontes documentais. Thomson (2002, p. 359), nos dá uma contribuição nesse sentido:

Em cada estágio, as histórias de vida articulam os significados da experiência e sugerem maneiras de enfrentar a vida. Quando registramos estas histórias, não captamos apenas evidências inestimáveis sobre a experiência anterior e as histórias vividas. As próprias histórias representam a constante evolução dos modos pelos quais os migrantes constroem suas vidas através de suas histórias.

Portanto, as entrevistas possibilitam o afloramento da memória, nos remetendo a histórias vividas, que, embora subjetivas, apontam os sentimentos de “pertencimento” à sociedade ou à região em que o migrante está inserido, relações com o lugar de origem e identidades sociais, elementos importantes para se compreender o CTN, conforme veremos adiante.

Revisitar “lugares de memória” (NORA, 1993, p. 12) é o trabalho do pesquisador que se propõe a fazer história oral; são espaços em que os indivíduos procuram tanto uma identificação como uma unificação para se reconhecerem pertencentes a um determinado lugar ou espaço. Segundo Nora (1993, p. 10): “a atomização de uma memória geral em memória privada dá à lei da lembrança um intenso poder de coerção interior. Ela obriga cada um a se lembrar e a re-encontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade. Esse pertencimento, em troca, o engaja inteiramente”.



Neste sentido, todo sujeito histórico, diante do deslocamento, que não é apenas físico, mas também social e cultural passa por uma “crise de identidade”, pois, de acordo com Hall (2006, p. 21): “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida”. Como as identidades sofrem alterações, essas também alteram as sociedades. Para Hall (2006, p. 01):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes de deslocamento ou descentração do sujeito.

Portanto, precisamos atentar que não é apenas o ato de migrar que impele ao indivíduo lidar com transformações sociais e culturais, mas o próprio mundo contemporâneo, com as profundas transformações operadas na passagem do século XX. Entretanto, sublinhamos que ainda temos “o laço vivo das gerações”, memórias de família e de linhagem que são compartilhadas e estas participam da construção de identidade de um grupo ou da coletividade, e podem se apresentar com mais força, quando maior for a distância de suas raízes. “Ela se alimenta de jogos identitários no presente, aos quais se submete ao passado”. (CANDAUI, 2012, p. 137). Ou seja, se por um lado a atualidade é marcada pela fluidez das identidades sociais – como bem aponta Hall (2006) – por outro não podemos subestimar a importância das instituições – como a família – construídas ao longo dos séculos anteriores ao XXI.

Alertados por estes fatores, nos dirigimos à reflexão sobre a identidade nordestina. Sabemos que a concepção de Nordeste é recente, como bem aponta Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2011, p. 54), bem como a identificação das pessoas como “nordestinos” é algo que ocorre geralmente quando o indivíduo deixa aquela região do país, sendo recorrente sua identificação com o estado de origem e nem tanto com a região. Porém, no caso em estudo, encontramos pessoas que se identificam por esta alcunha e que, ao invés de rejeitá-la, como propõe Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2011), a assumem, e lutam para investir valores positivos sobre ela, transformando o que poderia ser um “rótulo”, em “identidade”.

São as lembranças do passado que dão aos indivíduos subsídios para a construção de sentimentos de pertencimento a um determinado grupo, fortalecendo suas identidades. A preocupação com a construção de uma identidade nordestina está presente nos relatos, podemos observar como o lugar de origem é lembrado e como estas memórias servem para a construção de uma identidade nordestina em Dourados-MS. Este aspecto pode ser verificado na narrativa de dona Zélia, quando fala de sua terra natal, Saloá-PE: “quando é aquele nordestino que ama o Nordeste, a terra dele, ele pode vim aqui, ele pode ter saído pequeno, mas, se ele chega lá, no Nordeste, ele volta a ser aquela pessoa, porque lá é lindo! É maravilhoso!”⁵. Aqui, notamos toda uma identificação da narradora não propriamente com seu estado de origem, mas com o Nordeste, de maneira geral, em um esforço para investir sobre aquela região sentimentos positivos. Vemos em falas como a de dona Zélia, também, um movimento de construção de uma identidade “nordestina” em Dourados, em um esforço para superar as identificações com os estados específicos de origem, ou com São Paulo, unidade federada onde muitos nordestinos residiram antes de chegar ao Mato Grosso do Sul e onde muitos dos filhos deles nasceram, razão pela qual se afirmam como paulistas e não como nordestinos.

Também percebemos uma concepção de identidade nordestina na narrativa de Acelino Rodrigues de Carvalho: “Se você não se agarrar a isso aos poucos a sua identidade vai se perdendo, vai se transformando”⁶. Aqui percebemos a concepção de cultura de Acelino, como algo “autêntico” que pode se perder ou se transformar negativamente, movimento contra o qual o Centro de Tradições Nordestinas se insurge, razão de sua criação, como veremos no próximo subitem. Assim, os fundadores do CTN identificam a necessidade da preservação de saberes e hábitos tidos como representativos do Nordeste, tais como: o gosto pela comida, pela música, pela dança, entendendo-os como fator de fortalecimento da “identidade cultural nordestina”, buscando, através das ações da associação (CTN),



estimular também as novas gerações de descendentes, para que estes também conservem vivas aquilo que julgam ser suas tradições.

Entretanto, perguntamo-nos quais tradições seriam estas a serem preservadas se o argumento central que motivou a criação do CTN – processo que abordaremos melhor no próximo item – foi a impressão de que elas estavam extintas ou em vias de extinção? Segundo Hall (2003, p. 259): “A tradição é um elemento vital da cultura, mas ela tem pouco a ver com a mera persistência das velhas formas. Está muito mais relacionada as formas de associação e articulação dos elementos”. Acreditamos que isto se aplique ao CTN, que procura valorizar alguns elementos da cultura nordestina, a culinária, a música e a dança, que, muitas vezes, não são buscados nas práticas culturais trazidas pelos seus frequentadores dos locais onde nasceram, na região Nordeste do Brasil, mas na mídia e nos repertórios artísticos e literários, como aponta Durval Muniz de Albuquerque JR (2011), na obra supra citada.

Podemos entender parte destas práticas culturais como “tradições inventadas”, que, no entendimento de Hobsbawm e Ranger (1984, p. 09), compõem “um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas” que visam “inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”. Entretanto, alertamos que estas “tradições inventadas” fazem sentido para os sujeitos envolvidos e são utilizadas como símbolos na construção da coesão de grupo e para a construção de sua representatividade na sociedade em questão. Esses elementos visam criar uma “identidade social”, demonstrar uma maneira própria de “ser no mundo”, um *status* simbólico, “uma categoria social” ou “um poder”, representados por “indivíduos singulares” ou por “instâncias coletivas”, unificando a comunidade e fortalecendo a identidade ou a “permanência no [em nosso caso a busca pelo] poder” (CHARTIER, 1997, p. 20). Na contemporaneidade essas lutas são complexas, transformam o campo da cultura em batalhas permanentes, “onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas” (HALL, 2003, p. 239).

Os migrantes nordestinos, através da música, dança, comida e poesia, podendo ser “tradições inventadas” ou não, tentam reafirmar o que é “ser nordestino” na cidade de Dourados-MS e procuram investir de valores positivos este conceito. No testemunho de Simônia, pode-se constatar que há também todo um esforço para engajar os nordestinos da região a lutarem por esse espaço social e que nem sempre isto é possível: “Até então, é assim, a luta do CTN é essa, é árdua. Nós temos muitos descendentes em MS, mas, poucos se habilitam a arregaçar as mangas, como quem diz o outro, e participar do que é realmente o ser um nordestino, de participar, de ir à luta, de conquistar seu espaço aqui”.⁷

Portanto, percebemos que há por parte dos nordestinos e descendentes, ligados a instituição, uma busca constante de consolidar sua presença e “conquistar seu espaço” na sociedade, utilizando a instituição para tais finalidades. Por outro lado, a fala de Simônia revela como existe um trabalho dos integrantes do CTN em construir coesão no grupo dos migrantes nordestinos. É por isso que eles não apenas afirmam uma identidade, mas a constroem, buscando que baianos, pernambucanos, cearenses, potiguares e outros (como paulistas, filhos de nordestinos) se identifiquem como nordestinos – termo que une um conjunto maior de pessoas – e entendam as práticas culturais do Centro de Tradições como representativas de todo o grupo (e não somente daquela parcela que assumiu a direção da entidade).

]DO ALEGADO ESQUECIMENTO A CRIAÇÃO DO CTN: RETOMADA DAS PRATICAS CULTURAIS NORDESTINAS

As definições e conceitos sobre a preservação do patrimônio cultural brasileiro estão presentes na Constituição Federal (CF) de 1988, nela o conceito de bem cultural passa a ser ampliado, torna-se mais abrangente, inserindo os bens culturais com referências simbólicas e afetivas das comunidades, deixando de ser apenas material (principalmente bens edificados). Segundo o art. 215 da Constituição, “constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, desta forma inclui:”



- I – as formas de expressão;
- II – os modos de criar, fazer e viver;
- III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.⁸

A preservação do patrimônio cultural imaterial do grupo foi uma das justificativas para a criação do Centro de Tradições Nordestinas, de Dourados - MS, denominado “Asa Branca”. Fundado em 05 de fevereiro de 1994, como consta em seu primeiro estatuto a finalidade de: “fomentar o conhecimento, a prática e a divulgação da cultura nordestina; promover a integração social do povo nordestino desta região e a fraternidade entre todos os integrantes desta região” (ESTATUTO, CTN – Centro de Tradições Nordestina “Asa Branca”. Dourados: 26 de outubro de 1994).

A ideia da criação do CTN foi gestada a partir de um incidente que aconteceu em um dos eventos promovidos pela SOCIGRAN (Sociedade Civil de Educação da Grande Dourados- MS), em 1993, segundo a narrativa de Acelino Rodrigues de Carvalho, que, nesta época, era estudante de direito nessa instituição de ensino. Nesse evento, de acordo com o relato, “uma festa para nós alunos [de Direito]”, foram convidados a se apresentar alguns músicos nordestinos, “três rapaizinhos morenos”, para tocar “músicas nordestinas de raiz”, porém, “quando eles tocaram três músicas o público pediu pra tirar aquelas pessoas dali”, segundo palavras do entrevistado: “[...]tirar aquele povo dali, foi essa expressão. [...], eu levei eles embora, e, também fiquei muito chocado, muito... mexeu muito comigo, com meu orgulho de nordestino”. Na narrativa, vemos um “mito fundacional” da instituição, utilizando palavras de Hall (2006, p. 54), “uma estória que localiza a origem”, neste caso, do migrante nordestino, seu caráter cultural, e o despertar de uma consciência histórico cultural. Esse despertar de consciência nos leva a “uma referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade”, que segundo Pollak (1992, p. 205), fazem parte da “construção da identidade. O que se verifica, a partir desse momento, é a busca por parte dos integrantes do CTN, em mobilizar os nordestinos da região de Dourados para fortalecer seus laços e buscar reconhecimento como integrantes importantes da sociedade, de maneira a combater o preconceito que ali existia. Dessa maneira, buscaram também afirmar suas presenças através da cultura, com o intuito de criar uma identidade social positiva que lhes desse visibilidade e aceitação social.

Contudo, é necessário localizar com maior precisão a criação do CTN, para tanto, precisamos situar o papel da Casa Nordestina, fundada em 1989, pelo senhor César Gomes de Matos, estabelecimento que inicialmente vendia comida nordestina, especificamente a “buchada”, servida aos domingos, e, em 1995, incluíram a realização do forró, toda sexta-feira. As primeiras reuniões do grupo de nordestinos (sete pessoas) foram realizadas na Casa Nordestina, segundo contam a maioria dos entrevistados. Na narrativa de César Gomes de Matos:

“No dia que foi fundado o Centro de Tradições Nordestinas, já havia a Casa Nordestina. [...] Dr. Lidineis me convidou pra montar o Centro de Tradições Nordestinas. Eu nem sabia o que era Centro de Tradições Nordestinas”. Coincidência ou não, segundo ele, uma semana depois, “o Acelino dá uma entrevista na rádio. Aí, eu peguei e liguei na rádio pra vê. Quero fala com esse cidadão”¹⁰. O doutor Lidineis, segundo o entrevistado, é médico, natural da Bahia, continua residindo na cidade de Dourados, e é frequentador assíduo da Casa Nordestina. A menção a juízes, promotores, advogados, aparecem com frequência nas narrativas, o que denota o esforço dos fundadores em narrar o evento como de grande importância e grandiosidade, por ter contado com o apoio e participação de membros dos grupos dominantes locais. A partir desse momento, iniciou-se conversações com colegas nordestinos, os quais aderiram a ideia de criar o CTN. Todas as reuniões, segundo os entrevistados, ocorreram na Casa Nordestina, que nesse momento já estava consolidada, com sua tradicional buchada aos domingos. Contaram, também, com o apoio de radialistas, jornalistas, como Elvino Lopes.¹¹

Ainda, segundo as narrativas, a Casa Nordestina servia de ponto de encontro dos nordestinos da região, como também foi o local para as primeiras reuniões, de acordo com Zélia Borges: “foi



através do seu César na Casa Nordestina, aí, eles procuraram se reunir lá é aí abrir”¹². Ainda segundo Zélia Borges:

Ele [o marido, Sidrône Ângelo Borges] gostava muito de ir [ir] na Casa Nordestina. E aí, ele conheceu um pessoal lá. [...], mas, ele ia muito... quando tinha uma festa assim... aí, quando convidaram ele, ele aceitou, pra participar do Centro de Tradições Nordestinas. Fizeram um estatuto arrumaram essa presidência e o Sidrône foi o primeiro presidente.¹³

Diante dessas afirmações, nos questionamos sobre a suposta alegação para a criação do CTN, de que, as manifestações da cultura nordestina não estavam presentes na região, considerando ainda que milhares de nordestinos migraram para essa região, conforme vimos anteriormente. Verificamos tais colocações na entrevista de Acelino Rodrigues Carvalho ¹⁴, ao se referir à cultura dos nordestinos de décadas anteriores a sua chegada a Dourados: “[...], as manifestações culturais desse povo era normal, [...], e aí os elementos culturais são vários; a culinária, a música, a dança, com o passar do tempo, automaticamente as coisas do Nordeste, sua cultura, foram sumindo, desaparecendo”. A partir das décadas de 1970 e 1980, a sensação de não existir mais lugares devotados à memória e cultura espontânea, no mundo ocidental, fez com que se criasse uma profusão de espaços utilizados como forma de proteger essa memória. Nora (1993, p. 13) considera que, “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais”. A criação do CTN fez parte deste movimento, comum ao contexto do Ocidente, no período.

No caso dos sujeitos envolvidos no projeto de criação do CTN, essa construção parte da suposição de que cultura nordestina não existia mais na região, porém, constatamos que esses elementos culturais permanecem presentes no plano da vida cotidiana e privada, embora tenham pouca visibilidade nas festas realizadas pelas comunidades integrantes do município. Porém, quando a memória é ativada com o recurso à História Oral, vêm à tona sabores, cheiros, sentimentos, numa mistura do real e do imaginário, que acabam contribuindo para o registro da história. Independente disso, a ideia que se verifica inicialmente no grupo é de “resgatar” a cultura dos nordestinos, segundo Acelino Rodrigues de Carvalho, “a ideia de resgate... se resgata algo que já existiu”, para ele, na década de 1980, “a colônia nordestina nem existia, ninguém lembrava dela, estava na marginalidade, então, era necessário fazer o resgate, por isso a ideia do resgate, da inserção”¹⁵.

O objetivo de “resgate” da cultura, dita como desaparecida pelos integrantes da associação, aparece já no primeiro exemplar do jornal informativo *Asa Branca*¹⁶ publicado pela entidade: “A proposta do CTN é exatamente resgatar a identidade cultural dos nordestinos e descendentes de nordestinos que vivem nessa região, para que eles possam sentir orgulho de suas origens” (*Informativo Asa Branca – Boletim de Informação e Cultura*. Dourados, 27 de agosto de 1998, n. 1). Observamos que desde o início de sua trajetória o CTN procura meios de divulgação, para isso imprime seu próprio jornal denominado “*Informativo Asa Branca*”, que, além de divulgar seus eventos, publica poesias e curiosidades sobre o Nordeste. Começam dessa forma a consolidar sua presença enquanto grupo, na cidade.

Essa ideia de resgatar e identificar pode ser entendida, “(...) o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é constituída, pensada, dada a ler”, nas palavras de Roger Chartier (1990, p. 16-17). Essa construção integrante do imaginário social aponta para uma inexistência de práticas culturais nordestinas, feita a partir de uma leitura que desconsiderou a vida privada e cotidiana dos migrantes. Ou seja, incomodava aos dirigentes da entidade o fato de que os elementos que remetiam ao Nordeste – como o hábito de cantar e dançar forró – não compusessem as grandes festas do município, sendo assim desconsideradas como parte dos elementos culturais formadores do local. Entretanto, estes mesmos dirigentes, esqueceram de observar elementos culturais preservados por integrantes do próprio grupo, como a culinária nordestina.

Constatamos através dos depoimentos que alguns hábitos foram preservados e estão presentes no cotidiano do migrante nordestino, como aparece na narrativa de Simônia Siqueira Silva. Ela, ao lembrar de sua vida em Dourados-MS, a partir dos oito anos de idade, além de mencionar as dificuldades enfrentadas na mudança, relata sobre a comida típica do Nordeste que a mãe continuava a fazer,



mesmo estando distante de sua terra natal: “ela procurava usar os temperos, e também ela fazia muito cuscuz, um prato bem típico de lá, o cuscuz com leite, isso aí era sagrado, sempre manteve, baião de dois também”¹⁷. Ou seja, haviam tradições e saberes que eram espontaneamente preservados – e adaptados aos novos ingredientes de Mato Grosso do Sul –, em que as mulheres tiveram papel de destaque.

Segundo Zélia Borges¹⁸; “[...], a dona Antoninha [proprietária da Casa Nordestina] fazia almoço, ela fazia as coisas, assim, a gente pagava e se reúne ali, [...]. Reunia os nordestinos ali. Muito nordestino ali”. O relato revela que a Casa Nordestina, além de proporcionar aos nordestinos a degustação de um dos pratos típicos da culinária nordestina, a “buchada”, desempenha outro papel não menos importante como território de construção e de fortalecimento da identidade nordestina, visto como um “ponto de referência”, onde se pode encontrar conterrâneos, dançar o forró, tomar uma pinga produzida no Nordeste, e assim, matar a saudade da terra natal. A fala de Simônia vem a confirmar estes pontos;

[...] até hoje a Casa Nordestina do seu Cesar e da dona Toinha. Que sempre a gente ia pra lá, comer uma buchada de bode, lá era o melhor lugar que tinha, hoje ainda tem, mas, que só é dança, comida ela não faz mais. Algumas vezes que ela faz um almoço, um ou outro, mas lá é o ponto de referência, se você quiser dançar forró, toda sexta feira é lá¹⁹.

Aqui vemos também o papel da mulher nordestina que por vezes aparecem como as guardiãs das práticas culturais do grupo. Esses locais incentivam e cultivam essas práticas e normalmente são negócios administrados pela família, como é o caso da Casa Nordestina, onde Antônia Gomes de Matos desempenha um papel importante desde sua abertura até os dias de hoje. Conforme vemos na entrevista cedida pelo casal (Antônia e César), quando ela fala: “Vamo faze buchada e vamo montar uma casa nordestina aqui”²⁰, assim, por vinte anos foi servida a buchada aos domingos, quando Antônia contava com a ajuda da mãe e dos filhos. Estes, porém, casaram e se mudaram, motivo pelo qual, atualmente, esse prato típico é oferecido esporadicamente. De acordo com a declaração dela: “Aí, saiu todo mundo, ficamos só eu e ele, paramo. Agora nós faz assim, cada dois meses, três meses, nós faz essa buchada”²¹.

Contudo, entre as motivações para a criação da Casa Nordestina, na década de 1980, novamente encontramos a alegada ausência de conhecimento das “coisas do Nordeste”, como declara César: “Aqui, quando nós abrimo a Casa Nordestina, ninguém sabia o que era um carneiro... que a carne era doce, e ninguém sabia o que era forró”²². Haviam, portanto, saberes que eram preservados por membros do grupo – embora nem todos os dominassem – e, por outro lado, tais práticas tinham pouca projeção para fora do grupo, algo que a Casa Nordestina acabou por realizar, atraindo pessoas que, mesmo sem serem migrantes nordestinos ou descendentes, se tornaram frequentadores do local.

Nesse sentido, percebemos que os nordestinos presentes na região procuraram manter e difundir elementos de suas tradições culturais, principalmente na culinária. A Casa Nordestina, por sua vez, incluiu elementos da culinária nordestina em sua atividade comercial, naquele momento (1989), motivada por questões financeiras. Contudo, a criação do CTN evoca outros motivos, dentre eles a busca por representação social, criar uma identidade cultural e conquistar visibilidade social. Para tanto, o CTN buscava criar uma representação cristalizada do que é ser nordestino, repleta de elementos positivos e festivos, razão pela qual a comida, a dança e a música se tornaram centrais nas atividades da entidade.

Portanto, verificamos que há uma necessidade por parte de alguns dos integrantes do grupo, fundadores da instituição, de criar mecanismos para ampliarem a visibilidade do grupo na sociedade local, ou seja, criar uma representatividade social do nordestino, e é através de elementos da cultura nordestina – mesmo que em alguns momentos esta seja estereotipada e buscada fora do grupo, em realidades distantes da esfera local, no “regionalismo nordestino”²³ – que essa representação é construída, e pode ser entendida como parte de um “mundo social [que] é representação e vontade, existir socialmente é ser percebido como distinto” (BOURDIEU, 1998, p. 112).

O “existir socialmente” está presente nas narrativas de alguns dos integrantes da instituição, especificamente na fala de Simônia: “Aí, foi criado o Centro de Tradições Nordestinas, pra divulgar, pra realmente mostrar pra sociedade que existia uma colonização aqui e pra manter viva essa divulgação dessa cultura nordestina”²⁴. O relato demonstra claramente uma das intenções da entidade,



disputar espaço na sociedade e afirmar a importância do nordestino na participação da construção da sociedade douradense, além disso, um meio de manter viva a memória da participação dos migrantes nordestinos que vieram para esta região na época da criação da CAND (Colônia Agrícola de Dourados), tratada como projeto fundante da cidade.

Vemos também, que a instituição busca no repertório da cultura nordestina alguns ícones para, segundo Acelino Rodrigues, “... ter uma penetração na comunidade, através da música, através de eventos que revelassem a nossa culinária”²⁵. Esses elementos estão presentes nos eventos, inclusive no grupo de dança que apresenta danças “típicas” do Nordeste, como a “Dança do Balaio”, além das bandas de forró que apresentam o tradicional forró “pé de serra”. A ideia presente aqui é buscar projeção, reconhecimento e respeitabilidade através das práticas desses elementos culturais, por serem entendidos enquanto representativos no Nordeste. Alertamos que algumas dessas práticas compunham a bagagem cultural dos migrantes nordestinos de Dourados, principalmente o apreço ao forró, enquanto outras são visivelmente, “tradições inventadas” (HOBBSAWM; RANGER, 1984, p. 09).

A tradição, embora muitas vezes criada em períodos mais recentes, remete sempre a elementos de um tempo remoto, imemorial, com a intenção de estabelecer uma conexão com o passado que se quer perpetuar. São formas encontradas de manter viva referências de raízes históricas do passado, estabelecendo um vínculo, através da repetição desses elementos culturais. Para Maurice Halbwachs (1990, p. 45),

A história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência.

Ou seja, sob a alegação de preservar tradições e práticas culturais, a entidade procura manter viva a memória de que os nordestinos contribuíram com a construção de Dourados, tendo sido os colonizadores da região onde se localiza o município. Afirmam, para os membros do grupo e para os demais que compõem a sociedade local, que os nordestinos possuem unidade e coesão, possuem uma história, possuem cultura e que ambas são ricas e dignas de respeito.

O CTN, SEUS EVENTOS E A CONQUISTA DE VISIBILIDADE EM DOURADOS-MS

Entretanto, a trajetória do CTN não foi linear, tampouco atuante em todos os momentos desde sua criação. De acordo com a entrevista de César Gomes de Matos, após dois anos de registros em ata e de fundação (1994), “ele [o CTN] tava na gaveta”. Surge então uma oportunidade, através de um convite feito à Casa Nordestina, por parte da Fundação Cultural e Esportiva de Dourados – FUNCED, “pra nós ponha uma barraca na festa Junina, aquela ali no Douradão, no parque Douradão”²⁶. Ainda de acordo com o entrevistado, ele consultou o presidente na época, Acelino Rodrigues de Carvalho, que aceitou colocar uma faixa em frente à barraca, então, “... nós ponhemo uma faxa na frente, Centro de Tradição Nordestina. Ai, ele saiu da gaveta”²⁷. Portanto, temos duas narrativas fundacionais para o CTN, o incidente descrito por Acelino Rodrigues e este, relatado por César Gomes de Matos, em que a entidade ganhou visibilidade participando da festa junina. Para dar continuidade, no ano seguinte, 1997, o centro de tradições montou sua própria barraca, e recebeu o prêmio de melhor barraca da festa Junina. A partir de então, a instituição passou a promover jantares. Um dos primeiros foi oferecido no Clube dos Sargentos – haja vista a entidade não ter sede própria – neste mesmo ano, para seus sócios e convidados.

Nesse processo de luta por visibilidade do nordestino ou descendente de nordestino na sociedade douradense, desde a fundação da instituição, notamos o trabalho de um grupo pequeno, inicialmente, sete pessoas, mas que pouco tempo depois contava já com 22, indivíduos empenhados para que o resultado fosse positivo. Zélia Borges lembra do início do CTN: “Depois todo mundo ajudava. Até quem não era nordestino ajudava a gente, o nordestino”. Continua ela: “Porque olha nós lutamos, nós fazemos esses almoços, arrecadava esse dinheirinho, [...] nós trabalhava, dava o sangue”²⁸.



Embora o CTN foi fundado por um pequeno grupo de pessoas, na maioria famílias de nordestinos – como declarado em entrevistas como a de Luciano Borges: “família que é do meu pai, da minha mãe, a família da Simônia, a família do Acelino, a família do seu José Leite, a família do doutor Audézio, participantes do comecinho”²⁹, – a instituição contou com o apoio e incentivo de pessoas influentes, conforme aponta Acelino Rodrigues de Carvalho: “[...], uma pessoa que me incentivou a isso foi o vereador Tetila, acho que na época ele era vereador, [...] e também o Geraldo Resende que hoje é deputado federal”³⁰. Além dos citados, outras pessoas, nordestinos ou não, ligados a vários setores da sociedade, como: jornalistas, comerciantes e médicos, também apoiaram a causa, conforme vimos anteriormente.

Os integrantes da instituição buscaram apoio de diversos setores da sociedade, que deram respaldo às necessidades de divulgação, respondendo aos anseios de integração do nordestino nos estratos letrados e, talvez, mais elitizados da sociedade. Nas lembranças de Acelino Rodrigues de Carvalho:

Eu lembro que a época a professora Noemi Ferrigolo, se não me engano era a diretora da FUNCED e o professor Adilvo Masine, [...], eles trouxeram um show nacional, [...] um show de um artista nordestino em nível nacional, para a festa Junina de Dourados, que foi o Genival Lacerda. [...], esse show veio exatamente em apoio a esse movimento de resgate, que a gente iniciou.³¹

É importante destacar que os integrantes do CTN, quando se reuniram para a criação da instituição, de acordo com as declarações do primeiro presidente, são pessoas sem “*status*” social, sem grande destaque na sociedade, “entre os companheiros que fundaram, que se somaram a mim para fundar associação, eram pessoas simples e de condição de vida muito pacata, não eram pessoas que tinham dinheiro, que tinham condições de criar uma estrutura e bancar [as despesas da entidade]”³². Atualmente, os sócios fundadores são microempresários, profissionais liberais e ocupam os estratos da classe média baixa, o que representou alguma melhora em suas condições sociais, de acordo com Acelino Rodrigues de Carvalho; “do ponto de vista da ascensão social, não tinha *status* um pouco mais elevado e hoje é diferente, então se a gente olhar toda equipe hoje do CTN, quase todos ascenderam socialmente”³³. Mesmo assim, podemos afirmar seguramente que os sócios da entidade não integram os grupos dominantes locais – embora contem com amplo apoio destes – podendo tratar o CTN ainda como uma entidade “popular”.

Através das ações da entidade, percebemos que esta não representa o nordestino sofredor, “retirante”, vítima da seca, mas o nordestino alegre, divertido, que muito contribuiu para a cidade e que representaria uma cultura viva em constante transformação. Busca, então, por construir a unidade do grupo, fomentar identidades e criar espaços de socialização.

Sobre os eventos da entidade, os relatos também apontam união e muito trabalho, por parte do grupo fundador, elementos que aparecem constantemente nas entrevistas, como na de Zélia Borges: “[...], nós fazia de tudo pra economizar, meu esposo tirava tudo da loja, prato, talheres, essas coisas, pra ajuda pro dia da festa”³⁴. E ainda, de acordo com Simônia, “tem uma diretoria que trabalha muito, porque se fosse pra pagar tudo, tudo, aí...”³⁵. A instituição não almeja fins lucrativos e por isso não cobra mensalidades de seus associados, razão também pela qual não possui ainda sede própria. Portanto, o trabalho em grupo – em detrimento da contratação de empresas para servirem os jantares – tem por objetivo garantir que estes sejam acessíveis aos sócios.

Esse esforço do grupo tem como objetivo, também, a construção da sede da instituição, de acordo com Acelino Rodrigues: “Nós temos nosso terreno, uma área boa”³⁶, palavras que revelam como este projeto está em curso e ele, como presidente, atua diligentemente pela sua realização. Esse sonho também é compartilhado por Simônia:

Temos o terreno e tudo, mas agora estamos com um projeto pra uma verba, pra começar pelo menos construir o salão. Há muitos anos nós estamos com esse sonho. Porque nós divulgamos a nossa cultura com poucos recursos, poucos patrocínios, também. Às vezes nós mesmo temos que bancar nós mesmos.³⁷

Vislumbramos em cada entrevista um motivo para construção da sede própria, para Zélia Borges serviria como: “um cantinho, pra fazer reuniões”, nessa fala verifica-se o propósito de se ter um



espaço para unir os nordestinos, segundo ela, sonho almejado pelo esposo, Sidrône Ângelo Borges, o primeiro presidente eleito, “ter o lugarzinho nosso, já era bom, cada semana fazer um almocinho, lá nesse lugar”³⁸. Para Acelino Rodrigues, primeiro presidente nomeado³⁹ no ato de fundação, essa falta de espaço cria uma dificuldade em relação ao desenvolvimento de elementos da própria cultura nordestina, “a gente não desenvolveu os nossos grupos de dança e outras manifestações, porque a gente nunca teve local assim”⁴⁰. Nos relatos observamos que a necessidade da sede própria está atrelada à maior representatividade e visibilidade da instituição na sociedade local, como também seria um espaço para os ensaios dos grupos culturais que estão sendo desenvolvidos; e, por outro lado, um lugar onde os nordestinos e descendentes manteriam uma convivência mais íntima com seu povo, com sua cultura, aumentando a relação positiva dos sócios com a entidade.

Ressaltamos, ainda, que existe por parte dos integrantes da instituição, a preocupação em desenvolver o interesse na preservação da identidade cultural nordestina nos descendentes, principalmente nos mais jovens. Dessa necessidade nasce a urgência em ter uma sede, pois, seria o espaço para disseminar e ampliar o potencial dessas práticas culturais.

Verificamos nas narrativas que, atualmente, o CTN conquistou o espaço almejado na sociedade, “nossa Associação é muito conhecida, muito querida, muito respeitada aqui na cidade”⁴¹. Afirmações como esta aparecem frequentemente em seus discursos: “nós conseguimos fazer essa reinserção”⁴² e nas palavras de Simônia⁴³, “[...]são poucas as pessoas que não sabem que existe o CTN em Dourados”. Ainda, segundo ela, a festa da carne de sol – FESTSOL, é conhecida na região, “todo mundo fala: é a festa nordestina”, é um “ponto de referência”, tanto para os nordestinos quanto para a sociedade em geral. Eles conseguiram entrar na agenda de eventos da cidade e com isso conquistaram visibilidade e o *status* de cultura componente de Dourados.

Essa luta por posições pode ser verificada na narrativa do atual presidente da instituição, Luciano Borges⁴⁴: “A FESTSOL tá no calendário Municipal de festividades”. Segundo Acelino Rodrigues de Carvalho⁴⁵: “[...] nós conseguimos o título de Entidade de Utilidade Pública, nesse segundo semestre de 2015, conseguimos incluir nossa festa tradicional anual, [...], a festa da carne de sol, foi inserida no calendário de eventos oficial do município de Dourados”. Constatamos, a partir das falas, que a instituição continua tentando abrir caminhos para ganhar prestígio, obter reconhecimento social e cultural para seus integrantes na sociedade local. Com efeito, observa-se que esses nordestinos e descendentes ampliaram sua visibilidade na sociedade, embora esta não possa ser tratada como nula antes da criação do CTN, pois algumas entrevistas⁴⁶ sinalizam para programas de rádio que tocavam músicas, como o forró pé de serra, e se dançava muito também, reforçando nossa hipótese de que práticas culturais espontâneas dos migrantes nordestinos eram vividas na cidade, antes da fundação daquela entidade.

Em concordância com os demais estão: Antônia Modesto de Matos, que diz: “O Centro de Tradições Nordestina, pra nós, é muito bom isso aí, tem muita gente que não conhecia, quem não conhece nada do Nordeste, passou a conhecer”⁴⁷; para César Gomes de Matos⁴⁸ (da Casa Nordestina), o CTN “é um simble (símbolo) do Nordeste”, “é um orgulho”. Aliás, percebe-se nas narrativas o orgulho das conquistas alcançadas, entre elas, a festa anual da instituição, Festsol, ter entrado no calendário anual de festividades do município, registro que representa mais uma vitória da comunidade nordestina e é muito valorizado por eles.

É interessante a visão sobre a participação nos eventos promovidos pela associação. Para alguns, como é o caso de Zélia⁴⁹, ela (a festa) se mistura com a religião: “Vou porque é uma coisa que é uma tradição e se a gente não vai é igual se a gente não vai na missa, igual você não i(ir) na missa”. Percebemos que, além de uma tradição, prestigiar a festa, fazer parte desses momentos – onde se pode desfrutar de alguns elementos da cultura nordestina, como a culinária, a música e a dança – é de fundamental importância, pois, através desses elementos é que se estabelecem conexões com o passado. Verificamos também que não comparecer merece ser justificado, não por ser uma obrigação social, mas por ser um momento ímpar de confraternizar com os conterrâneos e reviver o “ser nordestino”, dos quais somente se falta por motivos de força maior. No decorrer da entrevista, Zélia Borges explica sua ausência no último jantar oferecido pelo CTN, “Todos os mininos (os filhos) foi. Não fui agora, porque eu tava ruim da coluna”⁵⁰.



Esse movimento em prol da criação da instituição, com o intuito de conquistar espaço, definir uma identidade cultural, enfim, ter uma representatividade na sociedade local, parece ter sido alcançada, segundo Acelino Rodrigues: “Essa tarefa tem sido para os membros do CTN profundamente gratificante, pois cada dia que passa ocupamos mais o espaço cultural que estava a nós reservado. O sonho está se tornando realidade”⁵¹. E também nas declarações do atual presidente, Luciano Borges: “[...], a cultura nordestina ela é representada e se faz presente hoje, mais do que antes”⁵².

Os eventos da instituição, como a Festsol estão presentes em várias publicações dos principais jornais da região, que trazem reportagens, entrevistas, e matérias que anunciam as festas, bem como os resultados positivos delas.⁵³ Além disso, tais eventos contam com o patrocínio de vários setores do comércio local, constatável através de fotos das festividades do acervo da instituição, onde aparecem faixas de patrocinadores. Nessas imagens, vemos a presença de vários nordestinos ou descendentes, não integrantes do quadro diretor da entidade, o que revela o apoio do grupo a este movimento cultural.

Nas matérias observa-se a frequência com que aparecem as frases como: “integrar a comunidade nordestina”⁵⁴, “conquista importante da comunidade nordestina”⁵⁵, “a Festsol conta com amplo apoio da comunidade nordestina e já é tradicional no calendário da cidade”⁵⁶, faz também referência a culinária, à dança e às bandas de forró. Entretanto, não faz parte da nossa proposta de pesquisa o aprofundamento, por hora, nas matérias editadas pelos jornais.

Diante do exposto, pode ser constatado que o CTN conquistou certo prestígio perante à imprensa local, o que lhe proporcionou visibilidade social. De certo modo, os migrantes nordestinos também conseguiram uma unidade mínima, o que vem ao encontro dos propósitos expostos no primeiro estatuto da entidade: “promover a integração social do povo nordestino desta região” (ESTATUTO – Centro de Tradições Nordestina “Asa Branca”. Dourados, 26 de outubro de 1994), assim como no informativo “Asa Branca”: “[...] resgatar a identidade cultural dos nordestinos e descendentes de nordestinos que vivem nessa região” (Informativo Asa Branca – Boletim de Informação e Cultural. Dourados, 27 de agosto de 1998, n. 1).

Sobre a proposta de “promover a integração dos nordestinos com os povos desta região”⁵⁷, de acordo com Carlos Brasil, um dos organizadores da 15ª FESTSOL (2015), em declaração ao jornal virtual *Dourados Agora* – um dos principais da cidade – “A festa é prestigiada não só por nordestinos ou descendentes, mas por pessoas que gostam e valorizam nossa cultura e culinária”⁵⁸, tendo a entidade conseguido atrair um público externo ao grupo dos migrantes nordestinos, portanto. Essa constatação é compartilhada por outros membros do CTN, na narrativa de Simônia, que participa da instituição desde 1999, onde exerce, desde então, o cargo de secretária: “Nosso público é paraguaio, o próprio nordestino, o gaúcho, tem gente de toda raça, todo nível social que você possa imaginar. Ela é bem aberta, ela é bem diversificada”⁵⁹. Provavelmente, esse aumento de público é proveniente da publicidade em jornais e convites por parte de pessoas que já frequentaram os eventos, sendo elas nordestinas ou não, como também, através das relações sociais estabelecidas pelo próprio grupo, o que leva a crer que a instituição conquistou a representatividade social almejada na cidade.

Essas declarações vêm reforçar a ideia defendida por alguns autores citados no texto, os quais defendem a necessidade que os sujeitos históricos têm de fortalecer identidades, os sentimentos de pertencimento, bem como sentirem-se representados na sociedade em que estão inseridos. Para concretizarem esse ideal buscam no passado, em suas origens, elementos que dão sustentação e sentido a suas vidas, o que nos deixa a impressão que o CTN serve a esses propósitos, tratando-se subjetivamente de vitrine do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta análise, vimos que um grupo de migrantes nordestinos criaram o Centro de Tradições Nordestinas – CTN, partindo do pressuposto de que a cultura nordestina inexistia na sociedade local, embora tenhamos constatado que ela está viva e presente, de forma fragmentada, entretanto, praticadas em âmbito familiar, no espaço privado e na vida cotidiana. Por acreditarem nessa inexistência e por outros motivos já explanados, aquele grupo sentiu a necessidade de construir identidades, ancorando-as em suas experiências vividas no passado de migração, as quais são (re)significadas para



dar sentido e coerência a sua história no presente. Para tanto, optam por preservar o que lhes é mais valioso, hábitos adquiridos em sua terra natal, ou seja, sua cultura, através de iniciativas espontâneas e cotidianas, como no ato rotineiro de cozinhar, tarefa desempenhada pelas mulheres e de fundamental importância na permanência de alguns hábitos, como o gosto da comida, embora, os “sabores” fora da região de origem sejam percebidos como diferentes, pois nem sempre existem os mesmos ingredientes. Tais práticas foram levadas para dentro do CTN, pelo menos nos primeiros tempos após a fundação da entidade, sendo as práticas culturais que compõem os eventos da entidade.

Por outro lado, constatamos a “invenção de tradições”, em que a instituição elege alguns elementos culturais que os represente socialmente, são recursos simbólicos que representam suas origens, como algumas músicas e danças, buscadas não em suas trajetórias de vida, mas nos repertórios do regionalismo nordestino, difundidas pelos meios de comunicação e *Internet*.

Entretanto, os membros da entidade não dicotomizam ou hierarquizam essas práticas, entendendo-as todas como representativas de seu grupo social, o que nos leva a concluir que o CTN é significativo para aqueles o criaram, independentemente de suas atividades serem práticas “espontâneas” ou “tradições inventadas”. Esta dicotomia entre a cultura “espontânea” e “invenção de tradições”, não diminui a importância da instituição, pelo contrário, vem corroborar com os propósitos traçados em seus estatutos, além de contribuir para a unidade e para a integração, tanto interna do grupo, quanto deste para com os demais agrupamentos existentes na sociedade local. Portanto, essas práticas culturais dão sentido a criação da instituição e contribuem, de forma significativa para a ampliação do leque de culturas regionais, já presentes na cidade de Dourados-MS.

Assim, respondendo ao questionamento lançado no título, sobre se o CTN efetua a salvaguarda de bens culturais imateriais ou se realiza a invenção de tradições, estamos convictos que os eventos da entidade são momentos de encontro de ambas. Isso ocorre justamente porque – em sua combinação – elas cumprem com sua função de integrar os membros do grupo entre si e de fomentar a luta dos migrantes e seus descendentes por espaço social, pelo “existir socialmente”, na tentativa de ocupar espaço nas hierarquias existentes na sociedade local, angariando posição de destaque.

Notas

- 1 A FESTSOL, Festa da carne de sol, acontece na cidade de Dourados-MS, desde o ano de 2000, todo mês de outubro. A festa oferece aos frequentadores, almoço com pratos típicos da região Nordeste: carne de sol, buchada de bode, cuscuz, vatapá, entre outros. Duas bandas se revezam no palco e tocam principalmente o forró pé de serra e o baião. A instituição, até o momento não tem sede própria, por esse motivo os eventos acontecem em locais alugados para o evento.
- 2 A CAND foi um projeto do Estado Novo, de colonizar as áreas pretensamente “vazias” do Brasil. Dourados-MS foi palco da CAND, projeto que doava terras a migrantes pobres, contando com a presença maciça de trabalhadores rurais nordestinos. Esta é a origem do argumento de que os nordestinos construíram Dourados, que membros do CTN procuram reafirmar, haja vista que outros grupos de (i)migrantes – como os japoneses e sulistas –, alguns migrados para a cidade em períodos posteriores, conquistaram maior visibilidade e *status* de fundadores da cidade. A este respeito ver: OLIVEIRA, Benícia Couto de. A política de colonização do Estado Novo em Mato Grosso (1938-1945). Assis São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado em História), SANTOS, Marina, S. *Memórias, trajetórias e viveres: a experiência de ser nordestino(a) em dourados-MS (1940-2002)*. Dissertação de mestrado. UFU. 2003. Vicência Deusdete Gomes dos. *A contribuição da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND no processo de ocupação e desenvolvimento do Mato Grosso Meridional*. Monografia (Especialização em Geografia) – UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Dourados, 2000. SOUZA, Roney Salinas. *Uma vida entre dois mundos: migrantes sírios e libaneses em Dourados*. UFGD. 2008.
- 3 Este aspecto foi muito explorado por Ruben Oliven, ao tratar dos Centros Tradicionalistas Gaúchos – CTG. In: OLIVEN, Ruben. J. *Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho*. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_15/rbcs15_03.htm. Acesso em: 10 mar. 2016.
- 4 Para Damiani, Apropriação possível que define territorialidades, isto é, espaços apropriados, preenchidos de sentidos e significados sociais e individuais para determinados sujeitos, sujeitos esses que, assim, denotam as territorialidades. DAMIANI, Amélia Luisa. Geografia política e novas territorialidades. In: PONTUSCHKA, Nidia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo:



- Contexto, 2006, p. 17-26.
- 5 Entrevista cedida por Zélia Borges, natural de Salóá-PE. 11 mar. 2016, esposa de Sidrône Ângelo Borges, 1º presidente do CTN.
 - 6 Entrevista cedida pelo Acelino Rodrigues de Carvalho, natural de Fortuna-MA. Um dos fundadores e 1º presidente do CTN, professor da UEMS, em 16/12/2015.
 - 7 Entrevista cedida em 20 de fevereiro de 2016, por: Simônia Siqueira Silva, natural de Salóá-PE, chegou em Dourados em 1984, com oito anos de idade. Secretária do CTN.
 - 8 Constituição Federal de 1988 (CF/88), art. 215, art. 216: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Constituicao_Federal_art_216.pdf. Acesso em: 11 mar. 2016.
 - 9 Entrevista cedida pelo Acelino Rodrigues de Carvalho, natural de Fortuna-MA, um dos fundadores e 1º presidente do CTN, professor da UEMS, em 05. jul. 2014.
 - 10 Entrevista cedida pelo senhor César Gomes de Matos, natural de Assaré-Ceará, proprietário da Casa Nordestina, residente em Dourados desde 1971.
 - 11 Nascido em Caracol-MS, sua área de atuação era, naquele período (1995 a 2004), jornalismo cultural, no Jornal O Progresso, o mais importante da cidade. Nesse jornal, ele atuava também como editor do Caderno B, de cultura; Polícia e Cidades (regional). Ingressou no Jornal Diário MS – outro importante jornal da cidade – no final de 2004, onde foi editor do Caderno 2 e Polícia. Atualmente reside em Campo Grande-MS, e, segundo os entrevistados, contribuiu de forma significativa para divulgar o CTN na imprensa local. Informações disponíveis em: <https://www.facebook.com/elvio.lopes>. Acesso em: 22 mar. 2016.
 - 12 Entrevista com Zélia Borges, natural de Salóá-PE, esposa do primeiro presidente do CTN, Sidrône Ângelo Borges, em 11 mar. 2016.
 - 13 Entrevista com Zélia Borges, natural de Salóá-PE, esposa do primeiro presidente do CTN, Sidrône Ângelo Borges, em 11 mar. 2016.
 - 14 Entrevista cedida pelo Acelino Rodrigues de Carvalho, natural de Fortuna-CE, um dos fundadores e 1º presidente do CTN, professor da UEMS, em 05 jul. 2014.
 - 15 Entrevista cedida, por: Simônia Siqueira Silva, em 20 fev. 2016, secretária do CTN, natural de Salóá-PE, chegou em Dourados em 1984.
 - 16 O Informativo Asa Branca circulou no período de 1998 a 1999, alguns exemplares estão no arquivo do CDR - Centro de Documentação Regional – UFGD. Os integrantes da instituição não souberam informar o número de exemplares que foram editados. Estes foram impressos em papel de baixa gramatura, porém, resistente, com textura bem lisa e de boa qualidade, no formato de encarte, contendo quatro páginas, o nome do informativo impresso colorido.
 - 17 Entrevista cedida, por: Simônia Siqueira Silva, em 20 fev. 2016, secretária do CTN, natural de Salóá-PE, chegou em Dourados em 1984.
 - 18 Entrevista com Zélia Borges, natural de Salóá-PE, esposa do primeiro presidente do CTN, Sidrône Ângelo Borges, em 11 mar. 2016.
 - 19 Entrevista cedida por: Simônia Siqueira Silva, em 20 fev. 2016, secretária do CTN, natural de Salóá-PE, chegou em Dourados em 1984.
 - 20 Entrevista cedida por Antônia Gomes de Matos, da Casa Nordestina, natural de Assaré-Ceará, residente em Dourados desde 1971. Em 11/03/2016.
 - 21 Entrevista cedida por Antônia Gomes de Matos, da Casa Nordestina, natural de Assaré-Ceará, residente em Dourados desde 1971. Em 11/03/2016.
 - 22 Entrevista cedida pelo senhor César Gomes de Matos, da Casa Nordestina, natural de Assaré-Ceará, residente em Dourados desde 1971. Em 11/03/2016.
 - 23 Citação de Durval Muniz.
 - 24 Entrevista cedida em 20 fev. 2016, por: Simônia Siqueira Silva, secretária do CTN, natural de Salóá-PE, chegou em Dourados em 1984.
 - 25 Entrevista cedida pelo Acelino Rodrigues de Carvalho, natural de Fortuna-MA. Um dos fundadores e 1º presidente do CTN, professor da UEMS, em 05 jul. 2014.
 - 26 Douradão, nome popular dado ao Estádio Fredis Saldívar, localizado em Dourados, MS, recebe esse nome em homenagem à Fredis Saldívar, que doou o terreno onde o estádio foi construído, sua inauguração foi



- em 12 de abril de 1986, é administrado pelo governo do estado e pela prefeitura de Dourados. O estádio é de propriedade da Prefeitura do município.
- 27 Entrevista cedida pelo senhor César Gomes de Matos, da Casa Nordestina, natural de Assaré-CE, residente em Dourados desde 1971. Em 11/03/2016.
 - 28 Entrevista com Zélia Borges, natural de Saloá-PE, esposa do 1º presidente eleito do CTN, Sidrône Ângelo Borges, em 11 mar. 2016.
 - 29 Entrevista cedida por Luciano Borges, atual presidente do CTN, descendente de nordestino, filho de Sidrône Ângelo Borges, primeiro presidente do CTN, 11 mar. 2016.
 - 30 Entrevista cedida pelo Acelino Rodrigues de Carvalho, natural de Fortuna-MA. Um dos fundadores e 1º presidente nomeado do CTN, professor da UEMS, em 05 jul. 2014.
 - 31 Entrevista cedida pelo Acelino Rodrigues de Carvalho, natural de Fortuna-MA. Um dos fundadores e 1º presidente nomeado do CTN, professor da UEMS, em 05 jul. 2014.
 - 32 Entrevista cedida pelo Acelino Rodrigues de Carvalho, natural de Fortuna-MA. Um dos fundadores e 1º presidente nomeado do CTN, professor da UEMS, em 05 jul. 2014.
 - 33 Entrevista cedida pelo Acelino Rodrigues de Carvalho, natural de Fortuna-MA. Um dos fundadores e 1º presidente nomeado do CTN, professor da UEMS, em 05 jul. 2014.
 - 34 Entrevista com Zélia Borges, natural de Saloá-PE, esposa do 1º presidente eleito do CTN, Sidrône Ângelo Borges, em 11 mar. 2016.
 - 35 Entrevista cedida, em 20 fev. 2016, por: Simônia Siqueira Silva, secretária do CTN, natural de Saloá-PE, chegou em Dourados em 1984.
 - 36 Entrevista cedida pelo Acelino Rodrigues de Carvalho, natural de Fortuna-MA, um dos fundadores e 1º presidente do CTN, professor da UEMS, em 16 dez. 2016.
 - 37 Entrevista cedida em 20 fev. 2016, por: Simônia Siqueira Silva, secretária do CTN, nasceu em Saloá-PE, chegou em Dourados em 1984.
 - 38 Entrevista com Zélia Borges, natural de Saloá-PE, esposa do primeiro presidente eleito do CTN, Sidrône Ângelo Borges, em 11 mar. 2016.
 - 39 Presidente nomeado, neste caso, é uma pessoa escolhida no ato da fundação para desempenhar as funções de presidente temporariamente, ou seja, enquanto não for escolhido um presidente através do voto em uma assembleia geral.
 - 40 Entrevista cedida pelo Acelino Rodrigues de Carvalho, natural de Fortuna-MA, um dos fundadores e 1º presidente do nomeado do CTN, professor da UEMS, em 16 dez. 2015.
 - 41 Entrevista cedida pelo Acelino Rodrigues de Carvalho, natural de Fortuna-MA, um dos fundadores e 1º presidente do nomeado do CTN, professor da UEMS, em 16 dez. 2015.
 - 42 Entrevista cedida pelo Acelino Rodrigues de Carvalho, natural de Fortuna-MA, um dos fundadores e 1º presidente do nomeado do CTN, professor da UEMS, em 16 dez. 2015.
 - 43 Entrevista cedida, em 20 fev. 2016, por: Simônia Siqueira Silva, secretária do CTN, nasceu em Saloá-PE, chegou em Dourados em 1984.
 - 44 Entrevista cedida por Luciano Borges, atual presidente do CTN, descendente de nordestino, filho de Sidrône Ângelo Borges, primeiro presidente do CTN, 11 mar. 2016.
 - 45 Entrevista cedida pelo Acelino Rodrigues de Carvalho, um dos fundadores e 1º presidente do CTN, professor da UEMS, em 16 dez. 2015.
 - 46 Entrevista cedida pelo Acelino Rodrigues de Carvalho, um dos fundadores e 1º presidente do nomeado do CTN, professor da UEMS, em 16 dez. 2015.
 - 47 Entrevista cedida por Antônio Modesto de Matos, em 11/03/2016, proprietária da Casa Nordestina, natural do Ceará. Não declarou na entrevista a cidade de origem.
 - 48 Entrevista cedida pelo senhor César Gomes de Matos, da Casa Nordestina, natural do Ceará, residente em Dourados desde 1971. Em 11/03/2016.
 - 49 Entrevista com Zélia Borges, natural de Saloá-PE, esposa do primeiro presidente eleito do CTN, Sidrône Ângelo Borges, em 11 mar. 2016.
 - 50 Entrevista com Zélia Borges, natural de Saloá-PE, esposa do primeiro presidente eleito do CTN, Sidrône Ângelo Borges, em 11 mar. 2016.
 - 51 Entrevista cedida por Antônio Modesto de Matos, em 11/03/2016, proprietária da Casa Nordestina, natural



- do Ceará. Não declarou na entrevista a cidade de origem.
- 52 Entrevista cedida por Luciano Borges, atual presidente do CTN, descendente de nordestino, filho de Sidrônio Ângelo Borges, primeiro presidente do CTN, 11 mar. 2016.
- 53 Infelizmente, devido aos recortes necessários à esta pesquisa, não pudemos aprofundar a análise desses materiais, porém, os evocamos no intuito de demonstrar que a visibilidade conquistada pelo CTN é notável em diversos materiais, para além das narrativas orais dos dirigentes da entidade.
- 54 VEJA QUEM COMPARECEU AO FESTSOL. *Jornal Dourados News*. Dourados-MS. 10 outubro de 2015. Disponível em: <http://www.douradosnews.com.br/dourados/festsol-contou-com-musica-e-muita-animacao-veja-quem-compareceu>. Acesso em: 11 abr. 2016.
- 55 VEJA QUEM COMPARECEU AO FESTSOL. *Jornal Dourados News*. Dourados-MS. 10 outubro de 2015. Disponível em: <http://www.douradosnews.com.br/dourados/festsol-contou-com-musica-e-muita-animacao-veja-quem-compareceu>. Acesso em: 11 abr. 2016.
- 56 CHEIRO DA TERRA” SERÁ UMA DAS ATRAÇÕES DO 13º FESTSOL NO INDAIÁ. *Jornal Preliminar*. Dourados-MS. 16 outubro de 2013. Disponível em: <http://www.jornalpreliminar.com.br/noticias/dourados/cheiro-da-terra-sera-uma-das-atracoes-do-13-festsol-no-indaia>. Acesso em: 11 abr. 2016.
- 57 INDAIÁ VAI SEDIAR OS 22 ANOS DE CRIAÇÃO DO CTN DOURADOS. *Jornal o Progresso*. Dourados-MS. 03 de abril de 2016. Disponível em: <http://www.progresso.com.br/caderno-b/indaia-vai-sediar-os-22-anos-de-criacao-do-ctn-dourados>. Acesso em: 11 abr. 2016.
- 58 FESTSOL ACONTECE NESTE DOMINGO NO CLUBE INDAIA. Disponível em: <http://www.douradosagora.com.br/dourados/festsol-acontece-neste-domingo-no-clube-indaia>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- 59 Entrevista cedida em 20 fev. 2016, por: Simônia Siqueira Silva, secretária do CTN, nasceu em Salóa-PE, chegou em Dourados em 1984.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *Linguagem e poder simbólico*. A Economia das Trocas Linguísticas – O que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1998.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Ed. Contexto, 2012.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- DAMIANI, Amélia Luisa. Geografia política e novas territorialidades. In: PONTUSCHKA, NidiaNacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DIÁRIO MS. Disponível em: <http://diarioms.com.br/centro-de-tradicoes-nordestinas-elegetiva-nova-diretoria>
- DOURADOS AGORA. Disponível em: <http://www.douradosagora.com.br/noticias/entretenimento/canta-nordeste-e-cheiro-da-terra,animam-o-festsol>.
- ESTATUTO do CTN. Centro de Tradições Nordestina “Asa Branca”. Dourados, 26 out. 1994.
- JACOB, Jacyara R. C. *Movimentos (i)migratórios e o resgate da memória / identidade: projeto do centro cultural de imigração na territorialidade urbana de campo grande (MS)*. Disponível em: www.ucdb.br. Acesso em: 15 jan. 2016.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.



- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- INFORMATIVO ASA BRANCA. Boletim de Informação e Cultural. n. 1-17. Dourados, 27 ago. 1998.
- IPHAN. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=17575&sigla=Institucional&retorno=pagina_institucional.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Basanezi. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 111-153.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*: Revista Projeto História. São Paulo, nº10, p 7-28. dez. 1993.
- POLLAK Michael. Memória. Esquecimento. Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos(*) Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.
- PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho*: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História 15*, São Paulo, 1997.
- OLIVEN, Ruben. J. *Em busca do tempo perdido*: o movimento tradicionalista gaúcho. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_15/rbcs15_03.htm. Acesso em: 10 mar. 2016.
- RABELLO, Sonia. *O Estado na preservação dos bens culturais: o tombamento*/Sonia Rabello. – Rio de Janeiro: IPHAN, 2009.
- SANTOS, Marina, S. *Memórias, trajetórias e viveres*: a experiência de ser nordestino(a) em dourados-MS (1940-2002). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, 2003.
- SOUZA, Roney Salinas. *Uma vida entre dois mundos*: migrantes sírios e libaneses em Dourados. UFGD. 2008.
- THOMSON, Alistair. *Histórias (co)movedoras*: História Oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

